

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

JÉSSICA CAROLINE GORGES

**CARACTERIZAÇÃO DAS CLÍNICAS-ESCOLAS DE ATENDIMENTO
PSICOLÓGICO: Uma Revisão de Literatura**

Juína - MT

2018

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

JÉSSICA CAROLINE GORGES

**CARACTERIZAÇÃO DAS CLÍNICAS-ESCOLAS DE ATENDIMENTO
PSICOLÓGICO: Uma Revisão de Literatura**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Psicologia da AJES – Faculdade do Vale do Juruena, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia, sob a orientação da Profa. Ma. Amanda Grazielle Aguiar Videira.

Juína - MT

2018

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

GORGES, Jéssica Caroline. **Caracterização das clínicas-escolas de atendimento psicológico**: Uma Revisão de Literatura. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – AJES - Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT, 2018.

Data da defesa:

Membros Componentes Da Banca Examinadora:

Presidente e Orientador: Profa. Ma. Amanda G. Aguiar Videira
ISE/AJES

Membro Titular: Larissa Assunção Santos
ISE/AJES

Membro Titular: Albérico Cony Cavalcante
ISE/AJES

Local: AJES - Faculdade do Vale do Juruena
AJES - Unidade Sede, Juína-MT

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Eu, Jéssica Caroline Gorges, portadora da Cédula de Identidade- RG nº2395699-2 SSP/MT, e inscrita no Cadastro de Pessoas físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob nº 048.558.561-85, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado Caracterização das clínicas-escolas de atendimento psicológico: uma revisão de literatura pode ser parcialmente utilizada, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Autorizo ainda a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita à fonte a ao autor.

Juína, 23 de novembro de 2018.

Jéssica Caroline Gorges

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho especialmente a minha família. A minha mãe Olair, ao meu Pai Alberto e ao meu irmão Matheus que sempre me ajudaram e me apoiaram em todas as etapas da minha vida, principalmente no término deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela saúde e força para superar todas as dificuldades durante esse período de graduação de muita luta e esforço para que assim, pudesse concluir esse sonho.

A toda a minha família que são meu alicerce, meu porto seguro, meu refúgio em todos os momentos de angústia e aflição.

A minha mãe Olair, mulher guerreira, que desde o início dessa caminhada esteve sempre junto a mim, me apoiando e incentivando para que esse sonho se concretizasse.

Ao meu Pai Alberto, homem de honestidade ímpar, que mesmo distante também se fez presente nesta jornada com seu incentivo e apoio nos momentos de desânimo, confiando cegamente em minha capacidade.

Aos meus Avós Dirce e Gilberto, que sempre vibraram com cada etapa vencida, demonstrando sempre preocupação e interesse os meus estudos e superando a saudade por estar longe.

Ao meu irmão Matheus, pelo apoio e companheirismo.

A minha orientadora prof.^a Ma. Amanda Grazielle Aguiar Videira, pelo acolhimento, ensinamentos, suporte e incentivo desde o início quando abraçou minhas ideias e proposta para este trabalho, no qual se disponibilizou a auxiliar e contribuir com seu conhecimento, muitas vezes minimizando a ansiedade. Em tão pouco tempo, já és muito especial!

Aos meus colegas de turmas (que foram vários) mas, em especial minhas as minhas amigas Benaya, Karoliny e Kassiane que pude em vários momentos compartilhar medos e receios diante os trabalhos, apresentações e estágios, na qual estiveram sempre me acalmando e dando suporte.

A minha amiga Grasielle Alves, que apesar das diferenças e a distância, sempre me deu o total apoio com suas palavras de conforto e motivação para que eu pudesse chegar até aqui.

À todos os envolvidos, minha eterna Gratidão!

“O principal objetivo da Terapia Psicológica não é transportar o paciente para um impossível estado de felicidade, mas sim ajudá-lo a adquirir firmeza e paciência diante do sofrimento. A vida acontece no equilíbrio entre a alegria e a dor. Quem não se arrisca para além da realidade jamais encontrará a verdade” (C. G. Jung).

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar as características das clínicas-escolas de atendimento psicológico quanto aos trabalhos realizados dentro das Instituições de Ensino Superior para a formação profissional dos psicólogos. Realizou-se uma revisão de literatura através de base de dados eletrônicas: *Scielo* e *Pepsic*. As clínicas-escolas de psicologia foram criadas através da Lei 4.119 que dispõe sobre a formação do futuro profissional psicólogo e oferece para a comunidade serviços gratuitos ou com baixo custo. Os serviços psicológicos em IES pode contribuir para a elaboração e execução de programas para a prevenção e aumento da qualidade de vida da população que recebe por esses serviços, mantendo-se, sempre atualizada e acompanhando de forma ativa e efetiva o curso de graduação em psicologia. Nesta pesquisa, pode-se observar o quanto as clínicas-escolas são importantes não só para a formação de psicólogos mas, também para as instituições que ofertam serviços de atendimento psicológico para população carente.

Palavras-chave: psicologia; clínica-escola; formação acadêmica.

ABSTRACT

The objective of this work is to present the characteristics of the clinic-schools of psychological care regarding the work carried out within the Higher Education Institutions for the professional training of psychologists. A review of literature was made through the following electronic databases: *Scielo* and *Pepsic*. Psychology clinic-schools were created through Law 4.119 which provides for the training of the future professional psychologist and offers the community free or low cost services. The psychological services in HEI can contribute to elaboration and execution of programs for prevention and increase of population's life quality, that receives for these services, being always updated and following in an active and effective way the undergraduate course in psychology. In this research, it can be observed how clinic-schools are important not only for the training of psychologists but also for the institutions that offer psychological services for the needy population.

Keywords: Psychology; School Clinic; Academic Formation.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANPEPP	Associação Nacional de Pesquisas e Pós-Graduação em Psicologia
BVS – Psi	Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia
IES	Instituto de Ensino Superior
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção Hiperatividade
TCC	Terapia Cognitivo Comportamental
USP-SP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
1 JUSTIFICATIVA	8
2 OBJETIVOS	9
2.1 OBJETIVO GERAL	9
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
3 METODOLOGIA	10
3.1 TIPO DE ESTUDO	10
3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	10
4 REVISÃO DE LITERATURA	11
4.1 CLÍNICAS-ESCOLAS DE PSICOLOGIA	11
4.2 SERVIÇOS OFERECIDOS PELAS CLÍNICAS-ESCOLAS DE PSICOLOGIA	13
4.2.1 Triagem	14
4.2.2 Psicodiagnóstico	15
4.2.3 Intervenção Psicológica	15
4.2.4 Supervisão Clínica	16
4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SERVIÇOS PRESTADOS POR DIFERENTES REGIÕES: CLIENTELA E QUEIXAS.	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

As clínicas-escolas de atendimento psicológico desempenham um importante papel na formação acadêmica do psicólogo. No Brasil, essa prática foi efetivada a partir da regulamentação do curso de Psicologia em 1958 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP-SP, embora o mesmo só viesse ser autorizado oficialmente em 27 de agosto de 1962 através da Lei 4.119 (RUBIANO, 2005 apud AMARAL, et al. 2011).

Nessa época, o principal objetivo dos serviços das clínicas-escolas eram atender as necessidades para formação dos futuros profissionais Psicólogos. Independentemente do momento histórico, caracterizar centros de formação e serviços de clínicas-escolas encarregadas pela prestação de atendimento psicológico e qualificação de profissionais possibilita tanto a identificação das características do ensino prestado durante o treinamento de acadêmicos-estagiários, como também, a efetividade do próprio atendimento oferecido à comunidade (CUNHA & BENETTI, 2008).

Nos dias atuais, as clínicas-escolas oferecem aos acadêmicos o exercício de seu conhecimento em forma de prática e procuram atender à comunidade de maneira gratuita, ou com atendimento de baixo custo (PORTO, et al. 2014). Os trabalhos realizados com atendimento psicológico têm demonstrado uma necessidade em conhecer os aspectos e a amplitude de sua clientela atendida, avaliar as intervenções psicológicas oferecidas e propor novas estratégias que possam produzir informações sobre as condições e tratamentos de saúde mental das comunidades, dada a relevância desse serviço (CUNHA & BENETTI, 2008).

Com isso, é necessário que as clínicas-escolas se mantenham atualizadas e façam um acompanhamento ativo e eficiente para os cursos de graduação em Psicologia. Pois, elas não podem estar distantes das relevantes transformações sociais, econômicas e políticas nas quais passam a sociedade. Sendo que as mesmas também necessitam estar abertas para inovações teóricas, metodológicas e científicas que possam aprimorar e qualificar de maneira positiva o trabalho profissional (PORTO, et al. 2014).

Além das clínicas-escolas ofertarem benefício para a comunidade, deve-se considerar também, que a caracterização tanto da população, quanto dos serviços

psicológicos em IES pode auxiliar na elaboração e execução de programas de prevenção e aumento da qualidade de vida da população que recebe estes serviços (WIELEWICKI, 2011).

Alguns estudos apontam que há uma necessidade de serem repensadas as práticas oferecidas à clientela das clínicas-escola de atendimento psicológico brasileira, para que estas sejam adequadas as reais necessidades da população, indo ao encontro das demandas sociais, políticas e culturais presentes em nosso dia-a-dia (CUNHA & BENETTI, 2008).

Desta forma, o presente trabalho objetivou descrever através de uma revisão de literatura as principais características das clínicas-escolas brasileiras de atendimento psicológico em IES públicas (universidades federais ou estaduais) e/ou privadas (faculdades e universidades particulares) através de publicações sobre este assunto. O mesmo foi estruturado através de divisões realizadas em forma de capítulos que compreendem os seguintes pontos: Justificativa, Objetivos, Metodologia, Revisão de Literatura e Considerações Finais.

1 JUSTIFICATIVA

Atribuída à importância das clínicas-escolas tanto para a formação acadêmica em Psicologia, quanto para a comunidade que recebe os serviços, notou-se uma escassez de estudos que retratem o cenário nacional quanto à caracterização dos serviços prestados a sociedade. Desta forma, a escolha do tema “caracterização das clínicas-escolas de Psicologia” surgiu através do interesse pela melhor compreensão de como é realizado o funcionamento das clínicas-escolas em IES no Brasil, assim como de saber quais são os serviços oferecidos por essas instituições. Pois, esta é uma prática para a formação do futuro profissional do psicólogo (AMARAL, et al. 2011).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Caracterizar o funcionamento das clínicas-escolas de atendimento psicológico através de uma Revisão de Literatura.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Caracterizar o funcionamento dos serviços de clínicas-escolas de psicologia no Brasil quanto:

- À clientela;
- Às principais demandas;
- Às abordagens psicoterápicas utilizadas pelos estagiários e supervisores;

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo possui como método de pesquisa a Revisão de Literatura que tem por finalidade organizar, integrar e avaliar de forma crítica estudos que sejam relevantes ao tema da pesquisa (KOLLER, et al. 2014).

Para tanto, as buscas foram realizadas nas bases de dados indexadas na Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia (BVS-Psi), assim como no Google Acadêmico. As palavras-chave utilizadas foram: serviços de psicologia aplicada, clínica-escola de psicologia e características das clínicas-escolas de psicologia.

3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Critérios de inclusão:

- Estudos publicados na íntegra sem delimitação de tempo (data de publicação);
- Cenário das IES brasileiras;
- Idioma português (brasileiro).

Critérios de exclusão:

- Materiais que não foram publicados em manuais científicos;
- Materiais que não se adequam ao tema proposto na pesquisa.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 CLÍNICAS-ESCOLAS DE PSICOLOGIA

Os serviços de clínicas-escolas de atendimentos psicológicos são obrigatórios de acordo com a Lei nº 4.119, que dispõe os cursos de formação profissional e regulamenta a profissão de psicólogos no Brasil (BORSA, et al. 2012). As clínicas-escolas brasileiras de atendimento psicológico foram constituídas e organizadas segundo as necessidades e possibilidades dos encarregados pela educação e formação do futuro profissional psicólogo, e não, basicamente, pelas necessidades da população a ser atendida (CAMPEZATTO & NUNES, 2006).

Tais serviços possuem um papel de extrema importância para o campo de experiência, treinamento e qualificação profissional nos aspectos teóricos, técnicos e éticos (OLIVEIRA, et al. 2013). Sendo assim, as clínicas-escola oferecem a comunidade serviços gratuitos ou com baixo custo. Geralmente, o seu corpo clínico conta com uma equipe administrativa, uma equipe de supervisores e uma equipe de estagiários diariamente (BORSA, et al. 2012).

Em 2004, quando houve o 12º Encontro de Clínicas-escolas do Estado de São Paulo, a terminologia “clínica-escola” foi substituída por serviço-escola que teve como intuito incluir uma grande diversidade de uso ao modo de intervenção do psicólogo, entretanto, a primeira terminologia ainda é empregada (MELO-SILVA, et al. 2005 apud AMARAL, et al. 2011).

Os serviços-escolas hoje têm duas finalidades: a primeira é o treinamento de alunos através da aplicação dos conhecimentos teóricos que são desenvolvidos em sala de aula; e a segunda é a oferta de atendimento psicológico à população menos favorecida ou de baixa renda (HERZBERG, 1999 apud AMARAL, et al. 2011). Juntamente a isso, as clínicas-escolas de Psicologia se constituem como oferta de estágio curricular supervisionado que compõem o curso de Graduação em Psicologia (MARCOS, 2010).

Pesquisas realizadas sobre as clínicas-escolas brasileiras durante as décadas de 1980 e 1990 identificaram que existem uma elevada taxa de fuga dos atendimentos, mostrando que os atendimentos oferecidos são ineficientes e que são pouquíssimos os casos que recebem atendimento e alcançam os objetivos que são

propostos pelas instituições (ANCONA-LOPEZ, 1983; SILVARES, 1996 apud CAMPEZATTO & NUNES, 2006).

Freitas (2000), evidenciou que as clínicas-escolas e os atendimentos realizados geralmente são baseados em modelos divergentes da realidade, estando distanciadas da realidade cultural, assim como das demandas da maioria da população. Ainda de acordo com o autor, as clínicas-escolas trabalham de maneira contrária da sua realidade, encontrando-se muitas vezes, distantes da cultura de determinada população como também de suas demandas.

Dentro desse contexto, é considerável observar também uma variedade de demandas para os serviços psicológicos dentro de instituições de ensino que favorecem as ações e intervenções de enfoque multi e interdisciplinar (FREITAS, 2000). Cabe ressaltar que tais clínicas possuem um campo fértil, porém, pouco explorado por produção de conhecimentos (MARAVIESKI & SERRALTA, 2009). O que reafirma a necessidade de explorar essa temática.

Outro fator que chama a atenção no contexto das clínicas-escolas é alto índice de abandono do atendimento psicoterápico. Tais índices podem estar associados a uma linguagem tecnicista que pode impedir o entendimento entre os psicólogos e o tipo de cliente a ser atendido. Qualquer “erro” que venha a ser cometido pelos estagiários e supervisores perante as reais necessidades do cliente pode fazer com que as clínicas-escolas corram o risco de não atenderem adequadamente, ou até não oferecerem ao acadêmico-estagiário uma visão mais adequada sobre o papel do psicólogo (CUNHA & BENETTI, 2008).

Neste caso, é preciso ampliar a escuta psicológica, principalmente em locais que funcionam diretamente com estagiários graduandos, voltando-se primeiramente para as realidades dos usuários destes locais. Portanto, estudar, questionar e conhecer sua clientela é uma forma importante introduzir neste espaço investigações voltadas para a clínica psicológica (CUNHA & BENETTI, 2008).

A prática em clínicas-escolas tem revelado que durante o intervalo de tempo entre a inscrição na clínica e o atendimento propriamente dito, o cliente/paciente pode percorrer uma longa e demorada trajetória. Mas, ao ser atendido, o usuário demonstra que tanto a queixa apresentada quanto sua motivação já são distintas e

diversas das que originalmente o incentivaram à busca pelo serviço (HERZBERG & CHAMMAS, 2008).

Assim, como as escolas de ensino fundamental e médio, a clínica também fica geralmente submetida a um calendário letivo, disponibilizado pelas instituições que é, ao tempo necessário para a formação do acadêmico-estagiário na aprendizagem de suas diversas modalidades. Com a impossibilidade de suprir a grande demanda e as crescentes dificuldades financeiras e de locomoção nas cidades grandes, compõem-se alguns fatores que implicam a ampliação dos tipos de atendimento e à otimização de recursos disponíveis com base na reflexão sobre a organização institucional (HERZBERG & CHAMMAS, 2008).

As clínicas-escolas ainda são consideradas como um campo primordial de ações que visam à prevenção, promoção e intervenção a favor da saúde psíquica de uma parte da população brasileira que tem no decorrer o tempo de sua existência (MACEDO, et al. 2010). Sua rotina é considerada como complexa pois, envolve diversos segmentos e atividades de diferentes formas e maneiras interdependentes (PERFEITO & MELO, 2003).

As clínicas-escolas de Psicologia têm procurado buscar caminhos singulares para sua construção de rotinas adequadas a cada instituição e também, para a procura de soluções adequadas sobre os desafios que lhes são impostos a fim de cumprir seu objetivo. A sua estruturação em serviços de atendimento, pode proporcionar reflexões, discussões e servir como exemplo para outras iniciativas (PERFEITO & MELO, 2003).

Autores como Silves (1996), e Levandowski (1998), realizaram revisões de acordo com as produções desta natureza, e puderam constatar que a maioria das universidades brasileiras não tem desenvolvido estudos sobre este tema.

4.2 SERVIÇOS OFERECIDOS PELAS CLÍNICAS-ESCOLAS DE PSICOLOGIA

Atualmente, as clínicas-escolas de psicologia oferecem a comunidade os serviços de acolhimento, triagem, psicodiagnósticos e intervenções psicológicas com diferentes abordagens que, são geralmente ofertadas pelas instituições correspondentes ou até mesmo, podendo ser escolhida pelo próprio acadêmico

estagiário. Todos esses serviços são supervisionados semanalmente, de acordo com a instituição. E, durante as supervisões, são relatados os casos que estão em avaliação psicoterapêutica, tendo como objetivo o supervisor fornecer ao estagiário todos os seus conhecimentos técnicos, científicos e teóricos necessário para o respectivo aprendizado do estagiário e para um bom aperfeiçoamento sobre o caso (BORSA, et al. 2012).

4.2.1 Triagem

A triagem é entendida, muitas vezes, como a “porta de entrada” para o encaminhamento ou a procura dos clientes às modalidades de atendimento psicológico, tornando, assim, uma importante tarefa em clínicas-escolas, dada por sua função de escuta inicial, avaliação e encaminhamento. Alguns estudos, identificam que o uso da triagem como atendimento clínico inicial (espaço de intervenção), com diferentes abordagens teóricas, que pode ser realizado com um ou mais encontros (HERZBERG & CHAMMAS, 2008).

As triagens têm se tornado um método de intervenção com uma ampla base para discussões no grupo de trabalho de Atendimento Psicológico nas Clínicas-Escola da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). A experiência em triagens de entrevista única indica com frequência que o cliente/paciente não tem ideia e/ou noção do que pode ser um atendimento psicológico e não chega, necessariamente, com a expectativa de que este possa ser, ainda, realizado em longo prazo (HERZBERG & CHAMMAS, 2008).

Através do processo de triagem pode-se promover a conscientização do paciente, como também da família em relação as suas dificuldades encontradas. Sendo considerada para o psicólogo um processo de conhecimento de quem procura por atendimento e que busca, além dos sintomas manifestos, saber quais são os sofrimentos e onde estão localizadas suas causas. A triagem pode ainda, ser inserida no processo de psicodiagnóstico que tem início, meio e fim, com durabilidade de uma ou mais sessões (PERFEITO & MELO, 2003).

A triagem tem dentro dos seus objetivos a coleta de dados, levantamento de hipóteses diagnósticas, para que assim, o profissional consiga verificar qual será o tipo de atendimento mais adequado para o paciente, podendo encaminhá-lo para um

tratamento mais adequado possível (HERZBERG & CHAMMAS, 2009 apud CERIONI & HERZBERG, 2016).

A triagem deve ser entendida e praticada como algo que seja mais além do que um momento de conclusão e fechamento ou seja, ela deve ser mais do que uma mera coleta de dados sistematizados para auxiliar na construção de um possível encaminhamento. Sendo entendida como um processo com espaço privilegiado para reflexões, com sentido de permissão para avaliar junto ao indivíduo as possibilidades de um atendimento psicoterapêutico (SALINAS & SANTOS, 2000).

4.2.2 Psicodiagnóstico

O psicodiagnóstico é considerado como um processo científico, limitado no seu tempo, que utiliza técnicas e testes psicológicos (*input*), ao nível individual ou não, para atender problemas à luz de pressupostos teóricos, identificar e avaliar aspectos específicos, para classificar o caso e prever seu curso possível, comunicando os resultados (*output*), na base dos quais são propostas as soluções, caso a situação permita (CUNHA, 2000 p. 26).

De acordo com Cunha (2000), o psicodiagnóstico se caracteriza como um processo científico, pois, deve partir de um levantamento prévio de hipóteses que só serão confirmadas ou não, através dos passos predeterminados e com objetivos precisos. Podendo ter um ou vários objetivos, que podem nortear o elenco de hipóteses previamente formuladas, e delimitar a finalidade da avaliação.

4.2.3 Intervenção Psicológica

A intervenção psicológica é considerada como uma das formas de atuação do psicólogo, que visa alterar comportamentos, pensamentos e emoções, de maneira a proporcionar uma melhor saúde e qualidade de vida aos pacientes. Devendo ser estruturada de acordo com a demanda que é observada pela realização da avaliação psicológica, como também pelo referencial teórico utilizado pelo mediador. Podendo ser aplicada em diferentes contextos e modalidades como hospitais,

escolas, empresas, clínicas e até mesmo em instituições esportivas (SILVA & ENUMO, 2016).

Através da intervenção psicológica o indivíduo, consegue ter um maior conhecimento de si próprio, por meio das reflexões, para que este consiga atingir de maneira satisfatória o bem-estar emocional e uma melhor qualidade de vida. Permitindo que o indivíduo minimize o seu sofrimento, tristeza e angustia, fortalecendo assim, sua autoestima e autoconfiança (RIBEIRO, 2017).

Encontra-se associada também a intervenção psicologia a questão da relação terapêutica entre paciente-psicólogo, que facilita e promove, de uma maneira geral, a mudança o bem-estar e a segurança em todo o processo terapêutico (LEAL, PIMENTA, & MARQUES, 2012 apud RIBEIRO, 2017).

Dentro da intervenção psicologia existem algumas variáveis que podem influenciar na dinâmica da intervenção terapêutica, como: idade, gênero, etnia, personalidade, influencia (socioculturais, institucionais e familiares), entre outras (MARQUES, 2012 apud RIBEIRO, 2017).

4.2.4 Supervisão Clínica

A supervisão clínica implica em uma demanda de saber sobre a teoria, diagnóstico e principalmente sobre a eficácia do atendimento clínico. A supervisão pode provocar também uma variada produção de saber sobre aquilo que é escutado no atendimento clínico. As supervisões realizadas em universidades se estabelecem através de uma exigência curricular que responde a demanda de cada instituição pelas diretrizes que são propostas pelo Ministério da Educação (MARCOS, 2010).

Entretanto, a supervisão é considerada como um desafio, pois, é através dela que o supervisor e o supervisionado devem manter uma relação formal e colaborativa, tendo como objetivo o desenvolvimento, ensino e aprendizagem da prática clínica (ROTH & PILLING, 2008; BARLETTA, et al. 2011). Vale ressaltar que, a supervisão não é uma terapia, mas sim, um método de desenvolvimento de habilidades e reflexão sobre os aspectos pessoais do indivíduo (BARLETTA, et al. 2011).

4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SERVIÇOS PRESTADOS POR DIFERENTES REGIÕES: CLIENTELA E QUEIXAS.

Por mais que as clínicas-escolas ofereçam atendimento psicológico gratuito ou semi gratuito, aproximam-se as práticas em saúde com as verdadeiras necessidades da população. Dessa maneira, as características da clientela são relevantes para a instrumentalização das equipes que atuam em clínicas-escolas, ajudando-as a montar estratégias para que possa minimizar a evasão dos atendimentos oferecidos (MACEDO, et al. 2010).

Macedo, et al. (2010), ressaltam ainda que o conhecimento do perfil da clientela que utiliza os serviços oferecidos nas clínicas-escolas de atendimento psicológico, possibilita que seus gestores e supervisores possam preparar e organizar os sistemas de funcionamento do local e, também aperfeiçoar os diversos treinamentos clínicos dos estagiários, conforme as demandas de cada clientela a ser atendida.

Como mencionado nos capítulos anteriores, estudos acerca do público infantil das clínicas-escolas tem maior proeminência nas publicações científicas. Sendo assim, observou-se que as queixas mais frequentes em relação às crianças com até 5 anos de idade foram as relacionadas ao comportamento agressivo. Já entre 6 a 9 anos foram comportamentos agressivos, oposição e ansiedade/agitação/irritação, dificuldades escolares como também de aprendizagem, falta de atenção e desinteresse. Para a idade de 10 a 12 anos, as dificuldades em relação à escola ainda se mantiveram, mas, os comportamentos agressivos foram verificados como uma das principais queixas em todas essas idades (WIELEWICKI, 2011).

Na pesquisa realizada pela escritora Ancona-Lopez (1983), sobre o funcionamento das clínicas-escolas, pode-se chegar a uma conclusão, de que as Clínicas-escolas funcionam de forma bastante contraditória, na medida em que se dispõem a oferecer serviços psicológicos a população, na qual a maioria da clientela é encaminhada ou permanecem a período de longo prazo nas listas de espera por atendimento. Em sua pesquisa, foi constatado que (54,1%) da clientela abandonou os atendimentos, e que apenas (4,6%) cumpriram os objetivos propostos pelas instituições, com alta. Tornando isso, um passo inicial para investigação e levantamento das características sociodemográficas da população que procura

pelos serviços, considerando-as como parte essencial para a busca de resultados e diagnósticos institucionais. Sendo, também o objetivo de proporcionar condições que favoreçam a formação de seus estagiários e desenvolver pesquisas para auxiliar na qualidade da formação destes, refletindo na qualidade dos atendimentos oferecidos (CAMPEZATTO & NUNES, 2006).

Enéas et al. (2000), realizaram um levantamento sobre os atendimentos realizados no período entre 1997 e 1998 em uma universidade particular paulistana com o uso da psicoterapia breve em adultos. Foram analisados 448 prontuários, 215 de 1997 e 233 de 1998. Nas suas pesquisas, as mulheres predominaram, sendo a grande maioria jovem, solteira e com nível superior incompleto. As queixas mais encontradas foram: dificuldades diversas de relacionamento, perdas (luto) e ansiedade (AMARAL, et al. 2011).

O estudo de Romaro e Capitão (2003), caracterizou de maneira sociodemográfica a população que procurou por atendimento psicológico, na clínica-escola de uma universidade paulista no período de cinco anos. O levantamento deles indicaram 590 pacientes foram atendidas sendo, que 341 eram mulheres, jovens e solteiras. As queixas mais frequentes foram: relacionamento, dificuldade escolar, lidar com perdas e ansiedade (AMARAL, et al. 2011).

O estudo realizado por Macedo, et al. (2010), com adolescentes que procuraram por atendimento psicológico em uma clínica-escola localizada na Faculdade de Psicologia, da região metropolitana de uma capital brasileira, através das fichas de triagem preenchida por estagiários durante a primeira entrevista. Foi constatado, que não houve uma prevalência entre os sexos. A população do sexo feminino apresentou (51,1%) e a população do sexo masculino (48,9%) considerando assim, uma diferença não significativa.

Ainda no estudo de Macedo, et al. (2010), os motivos de busca de atendimento psicológico por adolescentes do sexo feminino apontaram que (28,46%) relataram como queixa os problemas afetivos, os quais interferem a conflitos sociais, familiares, choros frequentes, timidez, sintomas depressivos. Os adolescentes de sexo masculino não apresentaram uma taxa significativa dos motivos de busca, mas, elegeram como queixa, os problemas afetivos, não demonstrando uma oposição entre as demais queixas.

Os índices de (10,76%) e (10,52%) corresponderam também a problemas de conduta e ansiedade. Considerando que, são definidos como problemas de conduta: comportamentos cruéis, brigas, mentiras, vícios e agressividade. Em relação à ansiedade são apresentadas queixas como: medos, obsessões, pânico e nervosismo. Foi constatado ainda dentro desta pesquisa, que as queixas relacionadas a problemas educacionais, problemas de conduta e problemas de déficit de atenção hiperatividade atingiram uma taxa prevalente dentre os demais motivos mencionados em adolescente do sexo masculino, correspondendo a (42,34%) das queixas relatadas no primeiro momento do atendimento (MACEDO, et al. 2010).

No estudo realizado por Vivian, et al. (2013), destacou como objetivo caracterizar o perfil de crianças e adolescentes atendidos no serviço-escola da região metropolitana de Porto Alegre/RS, no ano 2008 a 2012. Na pesquisa, as autoras buscaram averiguar os motivos da busca por atendimento psicológico, quem encaminhou pra tratamento, em qual abordagem foi atendido, prevalência entre sexo e faixa etária. A pesquisa foi realizada através de uma análise documental descritiva sobre os prontuários dos pacientes. Participaram desta pesquisa 194 pacientes, sendo 106 crianças com até 9 anos, 88 entre 10 a 18 anos. Entre 2008 a 2012 foram atendidos nesta clínica-escola 423 pacientes, sendo 194 crianças e adolescentes, que corresponde a (45,9%) de toda a população.

Com isso, foi possível analisar que em relação aos atendimentos há predominância do sexo masculino com (63,9%). Em relação à escolaridade, a maioria ainda tinha o ensino fundamental incompleto (75,8%). Quanto a faixa etária, as crianças entre 5 a 9 anos tiveram um percentual bem significativo em relação as outras idades, correspondendo a (45,9%). Sendo, (31,4%) para crianças de 10 a 14 anos, (13,9%) entre 15 e 18 anos e, (8,8%) para crianças com até 4 anos de idade (VIVIAN, et al. 2013).

Quanto a forma de encaminhamento, notou-se nesta pesquisa que a maioria buscou por atendimento de forma espontânea (40,2%). Iniciativa está dada na maioria das vezes, pelos pais ou responsáveis legais. Observou-se que (21,6%) foram encaminhados por profissionais da saúde como fisioterapeutas, fonoaudiólogos e dentistas. E (21,1%) encaminhados por profissionais que trabalham diretamente com saúde mental como: neurologistas, pediatras, psicólogos

e psiquiatras (VIVIAN, et al. 2013). A queixa principal que mais se destacou foi a de transtorno de aprendizagem, com um percentual de (19,6%), seguido de TDAH com (18%), depressão com (15,5%), ansiedade com (13,4%) e problemas psicossociais e ambientais com (11,9%), as demais queixas tiveram menos de (10%) de incidência (VIVIAN, et al. 2013).

Romaro & Capitão (2003), assinalou de maneira sociodemográfica a população que procurou por atendimento psicológico na clínica-escola da Universidade São Francisco em São Paulo. Os dados foram extraídos das triagens e análise dos prontuários, caracterizando-se como uma pesquisa descritiva e de cunho documental. Sendo considerada as variáveis gêneros, idade, escolaridade e adesão ao tratamento no período de janeiro de 1995 a dezembro de 2000.

Analisaram-se também as queixas apresentadas, classificando-as em categorias: imaturidade e atraso do desenvolvimento; dificuldades escolares; comportamento agressivo; ansiedade/insegurança; problemas de conduta; queixas sematoformes; problemas metabólicos e neurológicos; dificuldades em lidar com perdas; dificuldades nos relacionamentos interpessoais; dificuldade de controle dos impulsos; dificuldades nas relações familiares; comportamento confuso/bizarro/regressivo; depressão/tristeza; distúrbio de sono/alimentação/esfíncteres; perfeccionismo/mania de limpeza (ROMARO & CAPITÃO, 2003).

Na pesquisa, os autores puderam observar que na busca por atendimento, as pacientes do gênero feminino, foram as que mais predominaram com 341 triagens, ao equivale a (57,8%) dos casos. Mas, de acordo com a faixa etária, na infância e início de adolescência quem mais se predominou na procura por atendimento foi o gênero masculino. Das 590 triagens analisadas, (42%) pertencia à faixa etária de 0 a 14 anos; (7,5%) de 15 a 19 anos e (50,5%) estavam acima dos 20 anos de idade (ROMARO & CAPITÃO, 2003).

Entre 0 e 14 anos foi atendido 248 pacientes, sendo (65,3%) do gênero masculino e (34,7%) do gênero feminino. Na faixa etária entre 15 a 19 anos foram 44 pacientes atendidos, com um predomínio de (63,6%) para o gênero feminino. Já na população de 20 anos ou mais se totalizou em 298 casos de atendimentos, com um predomínio também no gênero feminino com (76,2%). Na procura por

atendimento psicológico a partir dos 50 anos de idade, apresentou apenas (9%) da população adulta e, apenas 2 pacientes acima de 70 anos procuraram pelos serviços (ROMARO & CAPITÃO, 2003).

De um total de 590 casos triados, (67,5%) chegaram a concluir o processo psicoterápico e (32,5%) desistiram. O índice de adesão entre 0 e 14 anos foi de (72%); entre 15 e 19 anos (57%) e, acima de 20 anos foi de (64%), subindo o índice para (100%) nas idades acima de 60 anos. Com relação às queixas, 248 crianças apresentaram, um total de, 1.229 queixas, que correspondem em média 4,95 queixas para cada criança. Já os 44 adolescentes apresentaram um total de 102 queixas, sendo, em média 2,3 queixas por adolescentes (ROMARO & CAPITÃO, 2003).

As queixas mais frequentes para a população infantil foi as dificuldades escolares com (19%); dificuldades no relacionamento interpessoal com (12,4%); comportamento agressivo com (10,6%); dificuldades nas relações familiares com (10,3%) e, distúrbios relacionados a sono, alimentação ou controle dos esfíncteres com (9,5%). No grupo de adolescente foram: dificuldades no relacionamento interpessoal com (25,4%); dificuldades nas relações familiares com (22,5%); dificuldades escolares com (9,8%); distúrbios relacionados ao sono, alimentação ou controle esfíncteres e as dificuldades em lidar com perdas com (8,8%) (ROMARO & CAPITÃO, 2003).

4.4 ABORDAGENS TEÓRICAS EMPREGADAS NAS CLÍNICAS ESCOLAS

Existe uma variedade nas abordagens teóricas que são utilizadas como modalidades terapêuticas oferecidas aos clientes das clínicas-escolas brasileiras. Na pesquisa, realizada por Vivian, et al. (2013), na clínica-escola da região metropolitana de Porto Alegre/RS, a abordagem psicanalítica foi aquela que obteve o maior número de atendimentos, através da psicoterapia psicodinâmica breve com um percentual de (53,4%), seguindo depois para TCC (Terapia Cognitivo Comportamental) com 45% e o psicodiagnóstico responsável por (1,6%) dos atendimentos (VIVIAN, et al. 2013).

A abordagem oferecida pela Universidade de São Francisco localizado em São Paulo, é a Psicoterapia Breve para crianças, adolescentes e adultos, realizadas pelos alunos do 5º ano do Curso de Psicologia, sob supervisão, como a única forma de atendimento disponível até o momento (ROMARO & CAPITÃO, 2003). Os demais estudos não relataram qual as abordagens utilizadas nos serviços-escolas de Psicologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do exposto, pôde-se considerar que as clínicas-escolas são de suma importância para o aprendizado e desenvolvimento do futuro profissional psicólogo, pois, é através desses locais que o acadêmico-estagiário coloca em prática tudo aquilo que ele aprendeu teoricamente em sala de aula. Considera-se ainda, que os trabalhos realizados dentro das clínicas-escolas de atendimento psicológico têm demonstrado certa necessidade em conhecer sua clientela através do levantamento de dados, para que se possa avaliar de maneira cuidadosa seus métodos de trabalho e intervenções psicológicas oferecidas para a comunidade.

Diante dos artigos analisados, observou-se que há uma prevalência das clientelas infantis, jovens e adultas, principalmente do sexo feminino com queixas de dificuldades diversas de relacionamento, dificuldades em lidar com perdas (luto), dificuldade escolar, ansiedade e comportamento agressivo.

Pode-se observar também que os trabalhos de pesquisas obtiveram sua maior prevalência na região Sul do Brasil sendo, mais especificamente no Estado do Rio Grande Sul na região metropolitana da capital Porto Alegre.

Por fim, sugere-se a realização de futuros estudos que abordem sobre este tema, proporcionando uma variável de informações e conhecimento tanto para os alunos do curso de Psicologia como também para a comunidade que utiliza desses serviços de atendimento psicológico, acerca de suas características de funcionamento e demandas.

Desta forma, os serviços poderão ser analisados de maneira consistente e será possível visualizar pontos que precisem de reavaliação por parte da área da Psicologia, para que a boa formação do psicólogo seja assegurada.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Anna Elisa Villemor et al. Serviços de psicologia em Clínicas Escolas: Revisão de Literatura. **Boletim de Psicologia**, 2012, Vol. LXII, Nº 136: 37-52
Acesso em: 28 set. 2018.

BARLETTA, Janaína Bianca et al. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. **Psicologia: teoria e prática**, v. 14, n. 3, p. 153-167, 2012. Acesso em: 16 out. 2018.

BOAZ, Cristine et al. A Problemática do Desenvolvimento de Crianças Assistidas por Clínicas Escolas Brasileiras Mudaram no Decorrer das décadas? **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 43, n. 3, pp. 334-340, jul./set. 2012. Acesso em: 28 set. 2018.

BORSA, Juliane Callegaro et al. Centro de Avaliação Psicológica – CAP: uma clínica-escola especializada em avaliação e diagnóstico psicológico. **Psic. Clín.**, Rio de Janeiro, vol. 25, n.1, p. 101 – 114, 2013. Acesso em: 16 set. 2018.

CAMPEZATTO, Paula von Mengden & NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Caracterização da Clientela das Clínicas-Escola de Cursos de Psicologia da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20(3), 376-388, 2007. Acesso em: 23 set. 2018.

CERIONI, Rita Aparecida Nicioli & HERZBEG, Eliana. Triagem psicológica: da escuta das expectativas à formulação do desejo. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 18(3), 19-29. São Paulo, SP, set.-dez. 2016. Acesso em: 28 nov. 2018.

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico – V. 5ª ed.** revisada e ampliada – Porto Alegre: Artmed, 2000.

CUNHA, Tatiane Regina dos Santos & BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Caracterização da Clientela Infantil numa Clínica-Escola de Psicologia. **BOLETIM DE PSICOLOGIA**, 2009, VOL. LIX, Nº 130: 117-127. Acesso em: 22 set. 2018.

FREITAS, Marta Helena de. Formação do Psicólogo: desafios e perspectivas a experiência da Universidade Católica de Brasília. **Temas em Psicologia da SBP** – 2001, Vol 9 nº 1, 29-43. Acesso em: 17 set. 2018.

HERZBERG, Eliana & CHAMMAS, Débora. Triagem Estendida: Serviço Oferecido por uma Clínica-Escola de Psicologia. **Paideia**, jan-abr. 2009, Vol. 19, No. 42, 107-114. Acesso em: 23 set. 2018.

KOLLER, Sílvia H. et al. Manual de produção científica. Dados eletrônicos. – Porto Alegre: **Penso**, 2014.

MARCOS, Cristina Moreira. A Supervisão em Psicanálise na Clínica Escola: Breve Relato de uma Pesquisa. **Revista Mal-estar e Subjetividade** - Fortaleza - Vol. XII - Nº 3-4 - p. 853 - 872 - set/dez 2012. Acesso em: 28 set. 2018.

MARAVIESKI, Silvinha & SERRALTA, Fernanda Barcellos. Características Clínicas e Sociodemográficas da Clientela Atendida em uma Clínica-Escola de Psicologia. **Temas em Psicologia** - 2011, Vol. 19, no 2, 481 – 490. Acesso em: 17 set. 2018.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother et al. Motivos de Busca de Atendimento Psicológico por Adolescentes em uma Clínica Escola. **Psicologia: Teoria e Prática** – 2011, 13(2):63-75. Acesso em: 05 out. 2018.

OLIVEIRA, Margareth da Silva et al. Supervisão em Serviços-Escola de Psicologia no Brasil: Perspectivas dos Supervisores e Estagiários. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 45, n. 2, pp. e1-e9, abr.-jun. 2014. Acesso em: 16 set. 2018.

PERFEITO, Hélvia Cristine Castro Silva & MELO, Sandra Augusta de. Evolução dos Processos de Triagem Psicológica em uma Clínica-Escola. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 21, n. 1, p. 33-42, janeiro/abril 2004. Acesso em: 07 out. 2018.

PORTO, Mariana Alves et al. A Construção do Perfil da Clientela numa Clínica-Escola. **Boletim de Psicologia**, 2014, Vol. LXIV, Nº 141: 159-172. Acesso em: 14 set. 2018.

RIBEIRO, Patrícia Andreia Gomes. Intervenção psicológica em contexto clínico e comunitário / Patrícia Andreia Gomes Madeira; coordenado por Tânia Gaspar Sintra dos Santos; supervisionado por Túlia Rute Maia Cabrita; orientado por Maria Teresa Andrade Cruz de Jesus Alvarez. - Lisboa: [s.n.], 2016. - Relatório de estágio do Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa, 2017. Acesso em: 30 nov. 2018.

ROMARO, Rita Aparecida & CAPITÃO, Claudio Garcia. Caracterização da Clientela da Clínica-Escola de Psicologia da Universidade de São Francisco. **Psicologia: Teoria e Prática** – 2003, 5(1):111-121. Acesso em: 13 out. 2018.

SALINAS, Paola & SANTOS, Manoel Antônio dos. Serviço de triagem em clínica-escola de psicologia: a escuta analítica em contexto institucional. **Psychê** — Ano VI — nº 9 — São Paulo — 2002 — p. 177-196. Acesso em: 28 nov. 2018.

SILVA, Andressa Melina Becker da & ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Descrição e Análise de uma Intervenção Psicológica com Bailarinos pelo Software IRAMUTEQ. **Trends in Psychology / Temas em Psicologia** – junho 2017, Vol. 25, nº 2, 577-593. DOI: 10.9788/TP2017.2-11Pt. Acesso em: 13 out. 2018.

VIVIAN, Aline Groff et al. Serviço-Escola de Psicologia: Caracterização da Clientela Infante Juvenil Atendida de 2008 a 2012, em uma Universidade Privada do RS. **Aletheia** 42, p.136-152, set./dez. 2013. Acesso em: 12 out. 2018.

WIELEWICKI, Annie. Problemas de Comportamento Infantil: importância e limitações de estudos de caracterização em clínicas-escola brasileiras. **Temas em Psicologia** - 2011, Vol. 19, no 2, 379 – 389. Acesso em: 22 set. 2018.